



# Sistematização da Experiência

Iniciativa

CHILDHOOD

INSTITUTO WCF-BRASIL  
[www.wcf.org.br](http://www.wcf.org.br)

Parceria



2009



# Apresentação

A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma grave violação dos direitos humanos. Trata-se de um fenômeno complexo e multifacetado, que ocorre em todo o mundo e está ligado a fatores culturais, sociais e econômicos. No Brasil, atinge milhares de meninos e meninas cotidianamente – muitas vezes de forma silenciosa, comprometendo sua qualidade de vida e seu desenvolvimento físico, emocional e intelectual.

As experiências de enfrentamento da violência sexual mostram que somente o envolvimento de todos os atores sociais é capaz de produzir resultados positivos na prevenção e no atendimento de crianças e adolescentes. É a partir dessa premissa que o Projeto **Laços da Rede** foi desenvolvido pela Childhood Brasil, em parceria com o CMDCA-SP, visando ao fortalecimento da Rede de Atenção a Crianças e Adolescentes no município de São Paulo.

A Childhood Brasil, braço brasileiro da World Childhood Foundation, organização fundada por S.M. a Rainha Silvia da Suécia, desenvolve projetos para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes em três linhas de ação: prevenção, educação e informação. O Projeto **Laços da Rede** faz parte do grupo de programas estratégicos que trabalham com a educação, considerando a importância de que os profissionais estejam preparados para o atendimento às situações de violência sexual contra crianças e adolescentes, desde a identificação dos casos, até seu encaminhamento, notificação e acompanhamento psicossocial, médico e jurídico.

Para o processo de sistematização dessa experiência, foram reunidos registros escritos e fotográficos das ações, desde a articulação até à capacitação dos 300 profissionais da rede e acompanhamento dos projetos de multiplicação, além do relatório de avaliação e demais documentos produzidos pela equipe do projeto.

Esperamos que este material permita aos atores participantes reconhecer-se, reconhecer suas ações, reflexões e contribuições ao desenvolvimento do projeto, e aos demais leitores proporcione o contato com uma proposta de fortalecimento da Rede de Proteção Integral a crianças e adolescentes que ainda necessita muitos parceiros e iniciativas.

Equipe Childhood Brasil

**Projeto Laços da Rede**  
**Equipe Childhood Brasil (Instituto WCF-Brasil)**

**Presidente do Conselho Deliberativo**  
Rosana Camargo de Arruda Botelho

**Diretora Executiva**  
Ana Maria Drummond

**Coordenadores de Programas**  
Itamar Batista Gonçalves  
Anna Flora Werneck

**Comunicação**  
Tatiana Larizzatti

**Capitação de Recursos**  
Ana Flávia Gomes de Sá

**Administrativo**  
Carmem Leona Vilchez Castilho  
Mônica Santos

**Consultor Coordenador Técnico**  
José Carlos Bimbatte Júnior

**Consultora Assessora de Coordenação Técnica**  
Margarete dos Santos Marques

**Avaliadora**  
Rosângela Freitas

**Sistematizadora**  
Jaqueline Soares Magalhães Maio

**Jornalista**  
Vilma Amaro

**Consultor de Informática e Internet**  
Rogério Acquadro

**Professores e Orientadores**  
Cláudio Hortêncio Costa

Jaqueleine Soares Magalhães Maio  
João Carlos Garcia

José Carlos Bimbatte Júnior  
Lumena Celi Teixeira

Margarete dos Santos Marques  
Mariângela Santa Cruz  
Maria Aparecida Barbirato  
Maria Luiza Santa Cruz  
Rose Miyahara  
Tatiana Savoia Landini  
Théo Lerner

**Ilustração**  
Michele Iacocca

**Edição de arte**  
Eva Paraguassú de Arruda Câmara  
José Ramos Néto  
Camilo de Arruda Câmara Ramos

# Sumário

<b>1. Um Pouco de História</b>	6
A Childhood Brasil nessa história	8
A necessidade de fortalecimento de Redes locais de proteção à infância	9
<b>2. Bases conceituais: de onde partimos?</b>	12
<b>3. O que é o Projeto Laços da Rede?</b>	18
Metodologia: como fazer diferente?	22
As Oficinas: encontros com a Rede	23
Oficinas de Projetos: compartilhando conhecimento, criando novas práticas	31
Apresentação dos Projetos e Novas Reflexões: o Seminário do Projeto Laços da Rede	33
<b>4. Avaliando as ações</b>	34
Sobre as aulas...	34
Sobre os projetos...	35
Sobre a visão dos participantes ao término do curso...	37
<b>5. Finalizando</b>	38
<b>6. Referências bibliográficas</b>	40

# 1. Um pouco de história

A necessidade e premência na garantia de direitos de crianças e adolescentes vêm colocando na agenda nacional e mundial diferentes desafios a serem enfrentados e superados. Nas últimas duas décadas, observamos diversas problemáticas e temáticas em alternância na agenda nacional. Os anos 80 foram marcados por uma efervescência dos movimentos sociais ávidos por garantias de direitos e pautas que consolidassem as conquistas por democracia e participação. Nesses anos, marcados por uma intensa discussão, entre organizações sociais, centros acadêmicos e setor público, a questão relacionada a crianças e adolescentes em “situação de rua” foi sem dúvida uma das pautas que mobilizaram os diversos atores do campo da infância. No final desta década, muitas conquistas foram alcançadas, com a promulgação da Constituição Federal em 1988, e em 1990 a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

As intensas mobilização e construção e, por fim, a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente significaram muito mais que um diploma legal; significaram e significam um novo Projeto de Sociedade.

A partir de meados da década de 1990, a temática da violência sexual contra crianças e adolescentes começou a tomar corpo nas discussões sobre a garantia dos direitos dessa população:

A mobilização social com relação à violência sexual contra crianças e adolescentes começou a ter expressão política na década de 1990, quando o tema foi incluído na agenda da sociedade civil como questão relacionada à luta nacional e internacional pelos direitos humanos, preconizados na Constituição Federal Brasileira (1988), na Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989) e no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº 8.069/90).

(HIPÓLITO E SANTOS, 2009)



Embora a questão já viesse sendo estudada e debatida por especialistas (Azevedo e Guerra, 1989) e organizações sociais (Centros Regionais de Atenção aos Maus Tratos na Infância – CRAMI; Movimento Nacional Meninos e Meninas de Rua; Laboratório de Estudos sobre a Infância – LACRI/USP), sua visibilidade foi ampliada a partir do I Congresso Mundial pelo Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, realizado na Suécia, em 1996. As deliberações desse evento mundial, que reuniu 122 países, levaram o Brasil a uma postura mais atenta à situação no país, resultando, no ano 2000, na elaboração do Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-Juvenil (PNEVSIJ), que serviu de base aos Planos Estaduais e Municipais subsequentes. Recursos foram direcionados para a implantação de Políticas Públicas de atendimento e prevenção da violência sexual, além do financiamento de projetos relacionados a esta causa pelo setor privado. Os Fundos Municipais da Infância também passaram a priorizar projetos com este foco, o que possibilitou o surgimento de um grande número de ações. A década de 2000 passava a ser a “década do enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes” no Brasil.

Metodologias de atendimento psicossocial foram desenvolvidas e vem sendo aprimoradas para o atendimento às situações de abuso sexual intrafamiliar de crianças e adolescentes. Livros e artigos sobre o tema passaram a figurar com mais freqüência nas prateleiras das livrarias e bibliotecas de universidades. Seminários, Congressos, Fóruns reúnem profissionais que atuam no atendimento direto ou indireto às situações. Contudo, delineiam-se cada vez mais as dificuldades no enfrentamento à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, essa outra face da violência sexual, que apresenta particularidades ainda como grandes desafios à rede de atenção a crianças e adolescentes. O III Congresso de Enfrentamento à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, que ocorreu no Brasil, em novembro de 2008, apresentou um panorama mundial de ações sendo pensadas e desenvolvidas nesse sentido, acompanhado de uma série de desafios ainda a serem enfrentados.

*“A nossa preocupação é que essas capacitações pudessem envolvê-los nessa temática e que pudessem guiá-los no dia-a-dia, com instrumentos teóricos que pudessem acrescentar nas suas práticas e que os auxiliassem nos atendimentos. O pano de fundo, a costura era sempre a rede, o entendimento da questão da violência como um fenômeno complexo que não dá para se enfrentar sozinhos. Isto ficou amarrado: não tratar o tema sozinhos. Os módulos conceituaram a formação da rede, mostraram a importância do entendimento do que é uma criança e suas fases de desenvolvimento, o papel da família, o histórico para contextualizar a rede, dentro da perspectiva dos direitos humanos. Tenho certeza de que o salto qualitativo passou pela metodologia usada com o foco no trabalho em rede.”*

*José Carlos Bimbatte Júnior – Coordenador Técnico do Projeto Laços da Rede*

## A Childhood Brasil nessa história...

Nesse panorama, localizamos o trabalho de diversas instituições não governamentais que se levantam em ações de enfrentamento à violência sexual. A Childhood Brasil (Instituto WCF Brasil), braço brasileiro da World Childhood Foundation, fundada por sua S.M. Rainha Silvia da Suécia, em 1999, com sede em São Paulo, insere-se nesse contexto, com o objetivo de “promover e defender o direito de crianças e adolescentes em situação de risco”. Seu foco de atuação está, desde o início, no apoio e implementação de ações que promovam o enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes, possibilitando-lhes desenvolvimento, dignidade e cidadania.

Para isso, a Childhood Brasil apresenta três linhas de atuação em seus programas e projetos:

- **INFORMAR:** Por meio de ações e campanhas que esclareçam a sociedade e todos os públicos envolvidos com a causa.
- **EDUCAR:** Mobilizando, orientando e articulando diferentes setores para um enfrentamento mais eficaz à violência sexual contra crianças e adolescentes.
- **PREVENIR:** Criando projetos e ações inovadoras, fortalecendo instituições que protegem crianças e adolescentes em situação de risco.

Estes três pilares estão presentes em 63 projetos e 13 programas, em diferentes estados e municípios do Brasil, que envolvem atores dos três setores da sociedade: Poder Público, Empresas Privadas e Organizações Sociais.

Seguindo nessa linha, podemos pensar um pouco sobre o porquê do desenvolvimento de um projeto como o **Laços da Rede**, no município de São Paulo. Para isso, mais um pouco de história...

*“A capacitação teve como proposta o trabalho em rede e isso foi muito importante porque tínhamos dificuldade em trabalhar com outros atores sociais. Essa interlocução potencializa a nossa atividade.*

*Temos usado esse modelo do Laços da Rede na nossa prática diária. Seria muito importante levar esse curso a outras regiões do país.*

*Pois para nós foi um sinalizador de rumo.”*

*Maria Ermínia, participante da Secretaria da Saúde*

## A necessidade de fortalecimento de Redes locais de proteção à infância

A violência sexual contra crianças e adolescentes apresenta-se como um fenômeno multifacetado: suas causas e consequências envolvem aspectos individuais, familiares, culturais, sociais, etc.; e sua compreensão e atendimento demandam diferentes áreas do conhecimento – saúde, social, direito, educação – o que resulta na necessidade de uma ação que seja multi e transdisciplinar.

Com isso, não é possível pensar em intervenções de atenção a esta problemática que não envolvam uma atuação em rede, uma rede qualificada e integrada. Equipamentos da Saúde Pública, centros de atenção psicossocial especializados, Conselhos Tutelares, Varas da Infância e Juventude, Abrigos, CEDECAS, etc., precisam atuar conjuntamente, propiciando atenção à complexidade de fatores que estão presentes na violência sexual.

Apesar desse requisito para um atendimento de qualidade, vêem-se ainda locais onde esta Rede não está constituída, por não existirem ainda os serviços básicos que a compõem, e outros municípios onde os serviços já existem, mas não conseguem articular-se e atuar em rede de fato.

Somado a isso, nota-se também certo despreparo ou desinformação de muitos profissionais para lidarem com as situações de violência sexual contra crianças e adolescentes, que chegam aos serviços de atendimento. A complexidade do tema, com especificidades nos campos da saúde, social, familiar, psicológico e jurídico, demanda dos profissionais disponibilidade para o trabalho com as diferenças, para a busca contínua por conhecimento, o encontro com o sofrimento humano e com as próprias limitações.

*“A capacitação aumentou minha capacidade de reflexão sobre minha atividade profissional. Repliquei algumas questões aqui aprendidas com as próprias famílias, no atendimento com os pais. Foi muito bom poder identificar os cinco tipos de violência aqui discutidos. Vi que o pai que espanca, também foi espancado, foi educando apanhando. Por meio do curso, aumentou o meu nível de organização no trabalho com essas famílias.”*

*Ariane Bitu – Psicóloga CRECA Lapa*

Em pesquisa realizada na primeira etapa do Projeto **Laços da Rede** (2007-2008), foram entrevistados vários profissionais que atuam diretamente no atendimento às situações de violência sexual contra crianças e adolescentes no município de São Paulo. Um dos resultados dessa pesquisa aponta para profissionais que se sentem, muitas vezes, impotentes diante das situações que chegam às instituições, e insatisfeitos em relação ao funcionamento da Rede, que lhes é desconhecida, ou apresenta problemas na comunicação e troca de informações pra uma atuação conjunta de qualidade.

Panoramas como este, encontrados também em outras regiões do país, levaram a Childhood Brasil a desenvolver uma metodologia de formação, acompanhamento e estruturação de ações de prevenção aos fatores de vulnerabilidade à violência. Entre 2005 e 2007, desenvolveu o Programa **Refazendo Laços**, no município de São José dos Campos, SP, o qual consistiu em parceria interinstitucional entre Prefeitura, Secretarias Municipais, Conselhos Municipais de Direitos da Criança e do Adolescente – CMDCA, empresas, Fundações, Ongs, etc., executando ações que priorizaram o fortalecimento do Sistema de Garantia de Direitos e a implantação de políticas públicas de proteção a crianças, adolescentes e famílias vulneráveis à violência doméstica e sexual.

A partir dessa experiência – que apresentou resultados positivos e tornou-se Política Pública no município – a Childhood Brasil desenvolveu outras ações, considerando sempre as características regionais, como a do Projeto **Tecendo a Rede**, em Juruti, no Pará, e o **Laços da Rede**, em São Paulo. Essas ações inserem-se na linha de atuação da instituição denominada “Educação”, uma vez que a estratégia central é a sensibilização e formação dos profissionais da Rede de Proteção e do Sistema de Garantia de Direitos.

**“A capacitação do Laços da Rede mudou meu conceito sobre violência. Aprendi a lidar com algumas situações. Na área jurídica em geral não temos contato direto com a violência (os casos são atendidos diretamente pela área da saúde e assistência social). Muitos me pareciam surreais, pensava que havia exagero, agora tenho mais noção dessa realidade que ocorre em todas as classes sociais.”**

*Silvia Pontes Figueiredo – Defensoria Pública*

Contemplando uma visão ampla da problemática no país e no mundo, associada à experiência institucional no apoio e desenvolvimento de ações estratégicas, foi possível à Childhood Brasil:

- Mobilizar a participação de atores do primeiro e terceiro setor da sociedade nas ações de fortalecimento da Rede de Proteção;
- Sensibilizar e Capacitar profissionais que compõem esta Rede, em diferentes serviços de atendimento à população, em temas transversais ao da violência sexual contra crianças e adolescentes (sexualidade, família, rede, entre outros), visando melhor apropriação teórica-prática no cotidiano de trabalho;
- Promover o encontro da Rede, proporcionando espaço de integração, troca, debate e reflexão, aproximando atores que vinham atuando de maneira individualizada em casos que deveriam ser olhados conjuntamente.

Para atingir estes objetivos, de maneira eficaz, foram considerados uma série de desafios e especificidades apresentados pela cidade de São Paulo, município com a maior concentração populacional do país – mais de 10 milhões de habitantes – com um território que impõem dificuldades de locomoção/transporte de uma região a outra, e que reúne em si significativas diferenças culturais, sociais e econômicas.

**“O nosso trabalho fica centrado no dia-a-dia. Foi muito importante a capacitação, ampliou a nossa visão e mostrou a possibilidade de um trabalho mais consistente, que tenha maior alcance. É difícil articular uma rede, mas agora temos uma visão mais clara do que se pode fazer. Saí mais otimista depois da capacitação do Laços. Antes eu tinha uma visão vaga do que era a rede e muito teórica.”**

*Chu Yuzi – SAE Campos Elíseos*

## 2. Bases conceituais: de onde partimos?<sup>1</sup>

A violência sexual é um fenômeno humano que tem despertado o interesse de diversos estudiosos, pesquisadores de diferentes áreas do saber – psicologia, psicanálise, medicina, antropologia, sociologia... A complexidade de fatores envolvidos em sua causalidade e em suas consequências geram dificuldades de compreensão e aproximação do tema, e, ao mesmo tempo, originam um série de conceitos e teorias que visam dar conta dessa complexidade.

Os Congressos Internacionais de Enfrentamento à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, nos anos de 1996, 2001 e 2008 – este último, no Brasil – buscaram alinhar a linguagem dos países participantes, definindo a violência sexual, dividindo-a em dois grupos: o Abuso Sexual Intra ou Extrafamiliar e a Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes.

Autores brasileiros e estrangeiros, por sua vez, a partir da relação entre a prática dos atendimentos em diferentes instituições e os estudos teóricos, trazem interessantes reflexões e conceituações sobre as diferentes formas de apresentação da violência sexual contra crianças e adolescentes. Algumas dessas definições serão apresentadas nesta sistematização, por trazerem a base conceitual que fornece a linha de trabalho para o Projeto Laços da Rede.

Faremos uma distinção entre abuso sexual e exploração sexual comercial. No primeiro tipo, incluiremos a violência sexual intrafamiliar e a extrafamiliar. No segundo

<sup>1</sup> A parte conceitual dessa sistematização baseia-se no Guia de Referência: construindo uma cultura escolar de prevenção à violência sexual, publicado também pela Childhood Brasil, em 2009, como parte do Projeto Redes de Proteção na Educação.



tipo, incluiremos o trabalho sexual infanto-juvenil não agenciado, o trabalho sexual infanto-juvenil agenciado, o turismo com motivação sexual orientado para exploração sexual, o tráfico para fins de exploração sexual de crianças e adolescentes, e a pornografia infanto-juvenil.

Por abuso sexual entendemos:

... toda situação em que uma criança ou um adolescente é utilizado para gratificação sexual de pessoas, geralmente mais velhas. O uso do poder pela assimetria entre abusador e abusado é o que mais caracteriza essa situação. O abusador 'se aproveita do fato de a criança ter sua sexualidade despertada para consolidar a situação de acobertamento. A criança se sente culpada por sentir prazer e isso é usado pelo abusador para conseguir o seu consentimento'(ABRAPIA, 2002)

(HIPPOLITO & SANTOS, 2009, p. 28).

Eva Faleiros (2000), em uma revisão dos conceitos relacionados à violência sexual contra crianças e adolescentes, traz a seguinte síntese:

Em síntese, o abuso sexual deve ser entendido como uma situação de ultrapassagem (além, excessiva) de limites: de direitos humanos, legais, de poder, de papéis, do nível de desenvolvimento da vítima, do que esta sabe e comprehende, do que o abusado pode consentir, fazer e viver, de regras sociais, familiares e de tabus.

(Faleiros, 2000)

A síntese apresentada por Eva Faleiros expõe parte da complexidade do fenômeno da violência sexual e suas consequências para crianças e adolescentes. Estas consequências são diversas, e estão relacionadas a fatores como a idade da criança ou adolescente que sofre o abuso, o período de tempo durante o qual a violência se perpetua, a forma de abuso sexual, e o vínculo entre a criança ou adolescente e a pessoa que comete o abuso sexual. Sobre este último aspecto citado, destacamos o abuso sexual que acontece no ambiente familiar, ou seja, o abuso sexual incestuoso. Hippólito e

*"Achei muito interessante os temas abordados, especialmente a sexualidade e a questão mesmo da violência. Busquei o material no site e já estou conversando sobre esses temas com uma equipe especializada na área e com os conselhos tutelares da região. Também estou levando o instrumental do Laços para discussão em hospitais, por meio de encontros e acho que a rede pode funcionar e até já está funcionando melhor. Além dos conhecimentos das palestras, dados, dicas de livros e outros, estamos aproveitando todo esse material. Acho importante trabalhar com os professores da rede pública. A escola precisa estar alerta, dizer não à violência, inclusive a violência doméstica."*

*Beatriz Aparecida da Silva Martins – Vara da Infância da Lapa*

Santos (2009), fazendo referência a Cohen (1993) e à ABRAPIA (2002), assim definem o abuso sexual incestuoso:

... é qualquer relação de caráter sexual entre um adulto e uma criança ou adolescente ou entre um adolescente e uma criança, quando existe um laço familiar (direto ou não) ou quando existe uma relação de responsabilidade. Na maioria dos casos, o autor da agressão é uma pessoa que a criança conhece, em quem confia e a quem, frequentemente, ama. O abusador quase sempre tem uma relação de parentesco com a vítima e dispõe de certo poder sobre ela, tanto do ponto de vista hierárquico e econômico (pai, padrasto e menos eventualmente mãe), quanto do ponto de vista afetivo (irmãos, primos, tios e avós).

(HIPPÓLITO & SANTOS, 2009, p. 28)

Para o abuso sexual extrafamiliar, os mesmos autores trazem a seguinte definição:

... é um tipo de abuso sexual que ocorre fora do âmbito familiar. Também aqui o abusador é, na maioria das vezes, alguém que a criança conhece e em quem confia: vizinhos ou amigos da família, educadores, responsáveis por atividades de lazer, médicos, psicólogos e psicanalistas, líderes religiosos. Eventualmente, o autor da agressão pode ser uma pessoa totalmente desconhecida. Os exemplos são os casos de estupros em locais públicos.

(HIPPÓLITO & SANTOS, 2009, p. 29)

Tanto o abuso sexual intrafamiliar ou incestuoso, quanto o abuso sexual extrafamiliar pode acontecer de diferentes formas, com contato físico ou não. Dentre as formas com contato físico temos atos físico-genitais que incluem carícias nos órgãos genitais, tentativas de relações sexuais, masturbação, sexo oral, penetração vaginal e anal. Já o abuso sexual sem contato físico pode ser abuso sexual verbal, telefonemas obscenos, exibicionismo, voyeurismo, pornografia (mostrar material pornográfico para a criança ou adolescente). Todas estas formas de abuso sexual representam uma invasão à sexualidade da criança e do adolescente, com o objetivo de satisfação do adulto que a comete.

O abuso sexual é multicausal, ou seja, não possui apenas um fator determinante de sua ocorrência, e exige sempre que consideremos, em cada situação, uma ampla gama de fatores, sendo estes individuais, culturais, familiares, de saúde mental, aspectos jurídico-legais, político-sociais e econômicos. É de extrema importância ressaltar que sua ocorrência não está restrita a uma única faixa etária, ou a uma classe social específica, tratando-se, na verdade, de um fenômeno que atinge crianças e adolescentes de forma universal, ou seja, sem “preferência” por idade, etnia, classe social, etc.

Passemos agora para a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes, o segundo grupo da violência sexual.

A exploração sexual comercial é uma violação fundamental dos direitos da criança. Esta compreende o abuso sexual por adultos e a remuneração em espécie ao menino ou menina e a uma terceira pessoa ou várias. A criança é tratada como um objeto sexual e uma mercadoria. A exploração sexual comercial de crianças constitui uma forma de coerção e violência contra crianças, que pode implicar o trabalho forçado e formas contemporâneas de escravidão.

(Declaração aprovada durante o primeiro Congresso Mundial contra a Exploração Sexual Comercial, realizado em Estocolmo, 1996)

As modalidades em que a exploração sexual de crianças e adolescentes podem acontecer são as seguintes<sup>2</sup>:

### ○ **Pornografia**

É a exposição de pessoas com suas partes sexuais visíveis ou práticas sexuais entre adultos, adultos e crianças, entre crianças ou entre adultos e animais, em revistas, livros, filmes e, principalmente, na internet. A pornografia envolvendo crianças e adolescentes é considerada crime, tanto para aquelas pessoas que fotografam ou expõem crianças nuas ou em posições sedutoras com objetivos sexuais, quanto para aqueles que mostram para crianças fotos, vídeos ou cenas pornográficas.

### ○ **Trocas sexuais**

É a oferta de sexo para obtenção de outros favores. Muitas crianças e adolescentes que fogem de casa e que vivem nas ruas mantêm relações sexuais com adultos em troca de comida, de uma noite de sono em um hotel ou para adquirir sua cota de drogas. Crianças e adolescentes de classe média também podem trocar sexo por drogas ou produtos "de marca" (roupa, tênis, celular etc). Essas práticas são eventuais e realizadas em conjunto com outras estratégias de sobrevivência em que as trocas sexuais não predominam ou predominam apenas temporariamente. Ou seja, não existe uma ação continuada de trabalho sexual.

### ○ **Trabalho sexual infanto-juvenil autônomo**

É a venda de sexo realizada por crianças e adolescentes. Muitas crianças e adolescentes, mais adolescentes do que crianças, de ambos os sexos, se engajam em trabalho sexual e fazem dele a sua principal estratégia de sobrevivência. Entre jovens de camadas populares, jovens de rua e mesmo da classe média, essa pode ser uma forma de custear o vício em drogas ou adquirir um estilo de vida desejado. Muitos deles não são e nem aceitam ser agenciados por intermediários. Entre eles, estão garotos e garotas de programa que fazem prostituição de rua ou programas de acompanhamento negociados por telefone.

<sup>2</sup> As definições que seguem foram retiradas na íntegra do **Guia de Referência: construindo uma cultura escolar de prevenção à violência sexual**, publicação da Childhood Brasil, 2009 (vide referências).

**“Eu trouxe inquietação e levo conhecimento.”**

## ○ Trabalho sexual infanto-juvenil agenciado

É a venda de sexo intermediada por uma ou mais pessoas ou serviços. No primeiro caso, essas pessoas são chamadas rufiões, cafetões e cafetinas e, no segundo, os serviços são normalmente conhecidos como bordéis, serviços de acompanhamento, clubes noturnos. Os trabalhadores sexuais pagam um percentual do que ganham para essas pessoas ou esses serviços em troca de residência, pensão alimentar, roupas, transporte, maquiagem e proteção durante a realização do trabalho. Em alguns casos, existe uma relação amorosa e sexual entre a trabalhadora e o agenciador, particularmente entre garotas de programas e cafetões (ou gigolôs). Contudo, o que normalmente acontece aqui é que os profissionais do sexo se transformam em reféns dos seus agenciadores, caracterizando uma relação exploração ou de semiescravidão.

## ○ Turismo com motivação sexual e/ ou exploração no turismo

É comumente conhecido como “turismo sexual” ou “sexo turismo”. Caracteriza-se, por um lado, pela organização de “excursões” turísticas com fins não declarados de proporcionar prazer sexual para turistas estrangeiros ou de outras regiões do País e, por outro, pelo agenciamento de crianças e adolescentes para oferta de serviços sexuais. Essa prática ficou bastante conhecida no final da década de 1980 e na de 1990, em regiões onde o turismo nacional e internacional era muito bem articulado, principalmente em cidades litorâneas como Recife, Fortaleza, Natal e Salvador. Contudo, a forma mais recorrente é a exploração sexual no turismo de férias, de negócios, de eventos festivos. Investigações apontam que certas agências de turismo, com a cobertura da polícia (sua parte corrupta), facilitam o aliciamento de meninas para trabalharem no mercado do sexo. Algumas dessas agências ou mesmo funcionários de hotéis possuem álbuns fotográficos de jovens para serem escolhidas como acompanhantes dos turistas.

## ○ Tráfico para fins de exploração sexual de crianças e adolescentes

É uma das modalidades mais perversas de exploração sexual. A prática envolve atividades de cooptação e/ou aliciamento, rapto, intercâmbio, transferência e hospedagem da pessoa recrutada para essa finalidade. O mais recorrente, entretanto, é que o tráfico para fins de exploração sexual de crianças e adolescentes ocorra de forma “maquiada” por agências de modelos, turismo, trabalho internacional, namoro-matrimônio e, mais raramente, por agências de adoção internacional. Muitas jovens, seduzidas por uma mudança de vida rápida ou sucesso fácil, embarcam para outros estados do Brasil ou outros países e lá se vêem forçadas a entrar no mercado da exploração sexual.

**“É fundamental que haja multiplicadores das idéias debatidas aqui, quero ser um multiplicador dessas idéias. E trabalhar desde a abordagem da violência doméstica até discutir temas de políticas públicas.”**

*José Ferreira dos Santos – Conselheiro Tutelar*

Assim como o abuso sexual, a exploração sexual não pode ser relacionada a um único aspecto causal. Sua complexidade exige um olhar atento, cuidadoso, livre de pré-conceitos, usualmente relacionados à situação de exploração sexual. Como nos dizem Santos e Hippolito:

A maior parte das explicações das causas da exploração sexual comercial é, na realidade, uma tentativa de encontrar respostas sobre por que certas pessoas se engajam nesse tipo de atividade. Considerando apenas esse aspecto, teremos uma resposta parcial, e, mais uma vez, o assunto ficará centrado no indivíduo que oferece os serviços sexuais. Vários segmentos sociais costumavam conceituar a prostituição como um desvio de caráter ou personalidade, mas hoje vários estudos concordam com a leitura de que tal fenômeno é provocado por um conjunto de fatores.

(Santos & Hippolito, 2009, p. 103)

Podemos relacionar como fatores relacionados à ocorrência da exploração sexual de crianças e adolescentes:

- ✓ conflitos culturais e outras situações familiares;
- ✓ estratégia de sobrevivência e inclusão na “sociedade” (de consumo);
- ✓ omissão ou insuficiência das políticas públicas sociais;
- ✓ omissão ou insuficiência da legislação;
- ✓ mercado.

Compreender a violência sexual contra crianças e adolescentes e atuar na sua prevenção e enfrentamento exigem abertura para a complexidade dos fenômenos humanos, e um despir-se de preconceitos, idéias do senso comum, que tendem a ser estigmatizantes e simplistas. Não se pretende aqui, em hipótese alguma, esgotar as considerações teóricas e conceituais acerca do tema. Apenas se apresentou um breve panorama conceitual, que embasa o trabalho desenvolvido no Projeto **Laços da Rede**.

Além disso, ao longo de todo o processo de planejamento e execução das ações do Projeto, figurou como pano de fundo a idéia de que para trabalhar com a questão da violência sexual contra crianças e adolescentes em projetos de formação/sensibilização de profissionais, é importante a abordagem, a reflexão e aprofundamento sobre temas que são transversais ao da violência sexual. Em outras palavras, pensar a violência sexual contra crianças e adolescentes significa pensar sobre sexualidade humana, infância e adolescência, família, trabalho em Rede, legislação, etc.

**“As pessoas com quem trabalho têm compartilhado desses novos conhecimentos e nos estimulado. Minha sugestão é que essa capacitação se estenda a vários estados do país, por meio da educação à distância.”**

*Daniela Ando*

### 3. O que é o Projeto Laços da Rede

Frente aos bons resultados do trabalho realizado em São José dos Campos, a Childhood Brasil decidiu desenvolver essa ação na cidade de São Paulo, e em 2006, apresentou um projeto, adequado à realidade local, ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente deste município (CMDCA-SP).

Com a aprovação do projeto pelo CMDCA-SP, o Instituto WCF-Brasil captou 100% dos recursos necessários para a execução da primeira fase do mesmo, que aconteceu no ano de 2007. Em 2008, deu continuidade ao projeto, também por meio do Fundo Municipal pelos Direitos da Criança e do Adolescente (FUMCAD), com captação de recursos direcionada ao projeto.

#### ● Objetivo

**“Sensibilizar e capacitar os profissionais que compõem o Sistema de Garantia de Direitos e a Rede de Atenção a Crianças e Adolescentes do município de São Paulo, para prevenção e proteção à infância vulnerável à violência doméstica e sexual.”**

A realidade da Rede de atenção à infância e adolescência em São Paulo apresenta dificuldades, enfrenta obstáculos como ocorre nos demais municípios do estado e do Brasil. Contudo, toda sua complexidade torna exponencialmente maior esses problemas. Multiplicam-se os números de situações de violência, crianças, adolescentes e famílias envolvidos, serviços e profissionais que atuam nas diferentes regiões da cidade, que possui também um território que desafia pela amplitude. Estas especificidades merecem atenção específica, e o desenvolvimento de ações que pudessem favorecer o encontro



da Rede, em espaço de reflexão, troca de experiência e conhecimento. O **Laços da Rede** propôs-se este desafio.

## ● **Público Alvo**

250 profissionais da Rede de Proteção Integral à Criança e ao Adolescente do município de São Paulo, sendo:

- Conselheiros Tutelares;
- Técnicos das Varas da Infância e Juventude;
- Conselheiros Municipais de Direitos da Criança e do Adolescente;
- Defensores Públicos da Infância e Juventude;
- Técnicos de organizações sociais conveniadas para o atendimento a crianças e adolescentes (abrigos, CEDECAs, etc.);
- Técnicos da Secretaria Municipal de Assistência Social;
- Técnicos da Secretaria Municipal de Saúde.

Em sua primeira etapa, o Projeto **Laços da Rede** priorizou a participação dos conselheiros tutelares, profissionais dos Centros de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECAs) e técnicos do Poder Judiciário, visando alcançar os atores do Sistema de Garantia de Direitos do Município. No ano de 2008, ampliou-se o número de vagas, e as articulações envolveram profissionais de toda a Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente do município, tendo-se como pano de fundo a essencialidade do trabalho em rede nas intervenções necessárias às situações de violência contra crianças e adolescentes.

Os profissionais inscritos foram divididos em duas turmas de aproximadamente 125 pessoas cada, que freqüentaram as oficinas quinzenalmente.

*“Os conhecimentos ampliaram minha visão, contribuíram para meu trabalho diário. Recorro agora a textos e ferramentas (inclusive os *power point* que estão no site com as aulas ministradas). São ferramentas importantes para relembrar, reproduzir com outros colegas. Para além das aulas, os materiais no site me dão suporte para discutir com propriedade. Gostei de todos os profissionais que aqui vieram dar palestras. Todos os facilitadores do **Laços da Rede** foram fantásticos, aprendi muito.*

*A gente se surpreende com as abordagens, mesmo já tendo ouvido falar sobre o mesmo tema.”*

*Sueli Schohfe Stelzer – Assistente Social da SMADS*

## ● Equipe

- 1 Coordenador de Programas Childhood Brasil;
- 1 Coordenador Executivo;
- 1 Assistente de Coordenação;
- 10 Professores Especialistas;
- 1 Sistematizador;
- 1 Avaliador;
- 1 Jornalista;
- 1 Consultor de Informática;
- 1 Assistente Administrativo;
- 1 Contador.

A equipe de execução do Projeto **Laços da Rede** em sua segunda etapa reuniu profissionais que haviam atuado desde o início das ações no município e outros que se uniram a estes, trazendo ampla experiência de atuação na área da infância e adolescência.

O grupo de professores que atuou nesse segundo momento foi ampliado com novos profissionais, buscando-se manter a qualidade do trabalho desenvolvido no ano anterior. Pensar em quais seriam os profissionais que trabalhariam cada um dos temas selecionados para esta etapa foi uma ação de extrema importância e que recebeu grande atenção da equipe Childhood Brasil.

O grupo foi constituído por profissionais com formações acadêmicas diversas – psicologia, medicina, ciências sociais, direito, etc., sendo a maioria deles autores de artigos, teses e/ou dissertações em suas áreas de atuação. Além dessa formação acadêmica, a experiência de campo, de “por a mão na massa”, desses profissionais facilitou a aproximação com os temas e empatia teórico /prática com os participantes.



Para que todos pudessem se conhecer e para que o grupo pudesse discutir as idéias que tinham sobre esse trabalho, afinando a linguagem sobre o tema, e possibilitando continuidade entre uma oficina e outra, aconteceram duas reuniões entre os professores antes do início das oficinas.

O trabalho com grupos numerosos também foi um ponto debatido nestas reuniões, pois havia a preocupação de possibilitar o máximo de participação nas oficinas, fugindo à caracterização de uma aula meramente expositiva. Os professores puderam trocar idéias, experiências com diferentes enquadres e técnicas didáticas participativas, o que colaborou para a qualidade apresentada nas oficinas de cada um deles.

## ● Ações

- Sensibilização e capacitação de 250 profissionais da Rede de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente da cidade de São Paulo;
- Acompanhamento da elaboração e desenvolvimento de 19 projetos de multiplicação, desenvolvidos regionalmente, pelos participantes da capacitação;
- Site ([www.wcf.org.br/lacosdarede](http://www.wcf.org.br/lacosdarede)) e boletim eletrônico com disponibilização das aulas e matérias sobre a temática da violência sexual.

As ações do Projeto **Laços da Rede** centraram-se na realização da Sensibilização e Capacitação para a Atenção e Prevenção à Violência Doméstica e Sexual contra Crianças e Adolescentes.

Nessa fase, o projeto incluiu a realização de oficinas para elaboração de projetos de prevenção e multiplicação, a serem desenvolvidos pelos profissionais participantes, nas regiões em que atuam no município. Estes projetos foram apresentados no seminário de encerramento do Projeto **Laços da Rede**, que aconteceu em março de 2009.

*"Na escola a questão precisa ser bem trabalhada e escolhemos o tema aqui apresentado – da sexualidade – para o projeto de multiplicação, pois é uma demanda dos educadores de nossa região. Acho que a capacitação deveria continuar, mesmo em encontros esporádicos para possibilitar o conhecimento da rede e a construção de grupos de trabalho."*

*Satie Kuminami – Psicóloga - Secretaria da Saúde-Jabaquara*

## Metodologia: como fazer diferente?

Desde 2005, a Childhood Brasil vem desenvolvendo uma metodologia para a execução dos projetos de fortalecimento das Redes de atenção à criança e ao adolescente, com bons resultados e avaliação positiva. As experiências anteriores, nos já citados projetos **Refazendo Laços** e **Laços da Rede**, permitiram identificar os pontos fortes e fracos dessa forma de intervenção, possibilitando que a experiência acumulada pudesse potencializar a implantação e implementação do **Redes de Proteção na Educação**.

É importante apontar três eixos metodológicos que permeiam e interagem transversalmente à metodologia do projeto:

- ✓ **Trabalho em Rede:** considerado essencial ao enfrentamento e à prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes;
- ✓ **Não dissociação entre violência sexual e sexualidade:** pensar a violência sexual dissociada da sexualidade implica em uma visão fragmentada, que pode originar idéias preconceituosas ou deterministas;
- ✓ **O cuidado com o profissional:** a qualidade do atendimento oferecido, das ações implantadas em um trabalho com violência sexual contra crianças e adolescentes está diretamente relacionada ao cuidado oferecido aos profissionais que desempenham esta tarefa. A saúde física e mental destes é diretamente afetada pelo tema da violência, pelas situações que vivenciam em seu cotidiano, e merecem atenção. O cuidado com o profissional no projeto **Redes de Proteção na Educação** passa pela discussão sobre o tema, e também pela atenção e acompanhamento dispensados pelos professores, orientadores e coordenadores do projeto.

Cada tema foi apresentado em uma aula de quatro horas de duração. Os professores buscaram fazer uso de metodologia didática dinâmica e participativa, partindo dos conhecimentos trazidos pelos grupos para então introduzir novas informações e fomentar discussões.

Foi disponibilizado aos professores o recurso de Data Show, com recursos para *Power Point*, vídeo e música, para serem utilizados de acordo com as dinâmicas realizadas.

Todo o material apresentado pelos professores foi disponibilizado aos participantes no site [www.wcf.org.br/lacosdarede](http://www.wcf.org.br/lacosdarede), em um espaço criado especificamente para o Projeto **Redes de Proteção na Educação**.

Todos os encontros foram acompanhados por pelo menos um profissional da equipe da Childhood Brasil, e foram avaliadas ao final de cada dia pelos participantes, conforme relatório geral de avaliação e instrumentais de avaliação.

## As Oficinas: encontros com a Rede

A programação dos encontros...

Md	Turma 01	Turma 02	Tema	Professores	Horário
01	23 Jul	24 Jul	Apresentação Childhood Brasil e Parceiros	Itamar B. Gonçalves e Parceiros	8h30 – 12h30
			Apresentação Projeto Laços da Rede	José Carlos Bimbatte	13h30 – 17h30
			Conceituação e Sensibilização para o trabalho em Rede	Rose Miyahara	
02	30 Jul	31 Jul	A Infância e Juventude na Contemporaneidade	Maria Ângela Santa Cruz	8h30 – 12h30
			Oficinas p/ desenvolvimento dos Projetos de Prevenção	Equipe Chidhood	13h30 – 17h30
03	13 Ago	14 Ago	Sexualidade	Maria Aparecida Barbirato	8h30 – 17h30
04	27 Ago	28 Ago	Família	Luiza Santa Cruz	8h30 – 12h30
			Violência Doméstica	Jaqueleine Maio	13h30 – 17h30
05	10 Set	11 Set	Abuso sexual	Jaqueleine Maio	8h30 – 12h30
			Exploração Sexual Comercial	Margarete S. Marques	13h30 – 17h30
06	24 Set	25 Set	Exploração Sexual Comercial – a experiência do Projeto Camará	Lumena Teixeira e João Carlos	8h30 – 12h30
			Abordagem da Saúde em Violência Sexual	Théo Lerner	13h30 – 17h30
07	8 Out	9 Out	Pedofilia e Pornografia Infantil na Internet	Tatiana Landini	8h30 – 12h30
			Oficinas p/ desenvolvimento dos Projetos de Prevenção	Equipe Childhood Brasil	13h30 – 17h30
08	22 Out	23 Out	Aspectos jurídicos da Violência Doméstica e Sexual contra Crianças e Adolescentes e o Sistema de Garantias de Direitos	Cláudio Hortêncio Costa	8h30 – 17h30
09	5 Nov	6 Nov	Políticas Públicas	Abigail Torres	8h30 – 12h30
			Oficinas p/ desenvolvimento dos Projetos de Prevenção	Equipe Childhood Brasil	13h30 – 17h30
10	19 Nov	20 Nov	Cuidado com o Profissional	Margarete S. Marques e Jaqueline Maio	8h30 – 12h30
			Apresentação dos Projetos de Prevenção/Multiplicação	Alunos e equipe Childhood Brasil	13h30 – 17h30

**“Para mim representou uma mudança de paradigma na vida profissional, proporcionou um olhar diferente para a criança e adolescente. Estou reproduzindo essa visão com companheiros de trabalho.”**

*Ruth Silvestre – UBS-Sé*

## Participação

Um marco do Projeto **Laços da Rede**, nessa segunda etapa (2008/2009) foi a intensa participação, durante as oficinas, dos diferentes atores que as compunham. A interatividade, o debate, a troca de impressões e experiências foram uma constante nos encontros, enriquecendo enormemente o trabalho realizado. Profissionais da saúde, da assistência e desenvolvimento social, do Poder Judiciário, da Defensoria Pública, dos Conselhos Tutelares, das organizações da sociedade civil, cada um com seus saberes, formações e experiências contribuíram para a composição de encontros participativos, construídos em conjunto.

### Sobre os Participantes...

- 83,2% são do sexo feminino;
- 58,1% declaram-se branco;
- 30,2% tem idade entre 41 e 50 anos (28,0% entre 31 e 40);
- 77,1% tem curso superior completo;
- 30,2% graduados em Serviço Social (27,9% em Psicologia);
- 85,5% residem na cidade de São Paulo.
- 48,6% ocupam cargo técnico;
- 39,1% trabalham há menos de um ano na atual organização (25,7% há mais de 10 anos);
- 30,7% trabalham com crianças e adolescentes há mais de 10 anos;
- 52,5% atendem pessoas de todas as faixas etárias de ambos os sexos;
- 66,5% atendem usuários de áreas urbanas;
- 57,0% fazem uso de mais de um tipo de registro de atividade;
- 25,7% participam de supervisões de caso, sem frequência definida, em sua organização;
- 31,8% participam semanalmente de reuniões de discussão de caso, em sua organização (30,2% participam sem freqüência definida);
- 53,1% nunca passaram por processo psicoterapêutico (8,3% estão em processo psicoterapêutico).

Apresentamos brevemente a seguir, os temas discutidos nas oficinas de sensibilização e capacitação.

- **Sensibilização para o Trabalho em Rede (4hs)**

**Professor:** Rose Miyahara

**Tópicos abordados:**

- ✓ Rede como uma nova institucionalidade;
- ✓ Estrutura em rede x Estrutura piramidal: diferenças na comunicação, estrutura de poder, etc.;
- ✓ Redes Sociais: primárias e secundárias;
- ✓ Redes econômicas;
- ✓ Redes de Terceiro Setor;
- ✓ Relação entre Redes e vulnerabilidade;
- ✓ O atendimento em rede no enfrentamento à Violência Contra Crianças e Adolescentes.

- **A Infância e a Juventude na Contemporaneidade (4hs)**

**Professora:** Mariângela Santa Cruz

**Tópicos abordados:**

- ✓ Discussão sobre o tema da adolescência;
- ✓ Infância e Adolescência como Instituições;
- ✓ Histórico da infância (construção histórica do conceito; transformações) – referências: Philippe Ariés e Jacques Donzelot;
- ✓ Histórico da Adolescência;
- ✓ Os crimes de paz (ou formas de violência legitimadas socialmente);
- ✓ Medicalização e mercantilização.

**“A capacitação do Laços da Rede foi bem organizada, tanto os professores quanto o conteúdo foram excelentes. Embora eu trabalhe há 23 anos com psicologia judiciária vi muitas coisas novas na capacitação.**

**A capacitação do Laços agregou valor, não ficou na mesmice.”**

*Denise Alonso – Núcleo de Apoio da Corregedoria Geral de Justiça-TJ – São Paulo*

- **Sexualidade (8hs)**

**Professora:** Maria Aparecida Barbirato

**Tópicos abordados:**

- ✓ Um pouco de história (Jurandir Freire Costa; Foucault);
- ✓ A construção cultural da diferença entre os sexos;
- ✓ Função social dos conceitos relacionados à sexualidade e gênero;
- ✓ Ampliação do conceito de sexualidade (Freud: sexualidade infantil; pulsão sexual);
- ✓ Desenvolvimento sexual infantil;
- ✓ A diferença entre a natureza e a cultura (sobre a proibição do incesto);
- ✓ As fases do desenvolvimento da libido;
- ✓ Relação de confiança x relação abusiva;
- ✓ Violência social;
- ✓ Sobre a palavra da criança;
- ✓ Puberdade e adolescência;
- ✓ O papel dos adultos;
- ✓ Relações de gênero.

- **Família (4hs)**

**Professora:** Maria Luiza Santa Cruz

**Tópicos abordados:**

- ✓ Histórico (antigo regime; modernidade);
- ✓ Conceito de família;
- ✓ Proposta de novos olhares.

- **Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (4hs)**

**Professora:** Jaqueline Soares Magalhães Maio

**Tópicos abordados:**

- ✓ Considerações sobre violência;
- ✓ Violência Doméstica: conceitos e formas;
- ✓ Transformações sócio-históricas e culturais;
- ✓ Mitos;
- ✓ Conseqüências;
- ✓ Atendimento.

- **Abuso Sexual Intrafamiliar (4hs)**

**Professora:** Jaqueline Soares Magalhães Maio

**Tópicos abordados:**

- ✓ Conceitos de Abuso Sexual e Incesto;
- ✓ Formas de violência sexual;
- ✓ Aspectos sócio-culturais;
- ✓ Mitos;
- ✓ Conseqüências;
- ✓ Atendimento.

- **Pedofilia e Pornografia Infantil na Internet (4hs)**

**Professora:** Tatiana Savoia Landini

**Tópicos abordados:**

- ✓ Conceito de pedofilia;
- ✓ Pornografia infantil;
- ✓ Dinâmica da troca de pornografia infantil na internet;
- ✓ Sexualidade real x sexualidade virtual;
- ✓ Imprensa escrita (confiabilidade dos dados).

- **Abordagem da Saúde em Violência Sexual (4hs)**

**Professor:** Théo Lerner

**Tópicos abordados:**

- ✓ Papel do médico frente à violência;
- ✓ Atendimento emergencial;
- ✓ Atendimento ambulatorial;
- ✓ Cicatrizes, equimoses, queimaduras, síndrome do bebê sacudido; etc.;
- ✓ Exame físico e exame ginecológico;
- ✓ Profilaxia da gestação;
- ✓ Coleta de provas forenses;
- ✓ Capacitação de profissionais.

**“Trabalhamos na perspectiva dos direitos humanos e atuamos no recorte da criança e do adolescente. Quando a criança e ou adolescente está sendo ameaçado no mundo dos adultos, o profissional tem – sim – que intervir e a comunidade deve estar atenta aos direitos da criança.”**

*Itamar Batista Gonçalves – Coordenador de Programas da Childhood Brasil*

- **Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (ESCA) – Conceitos (4hs)**

**Professora:** Margarete dos Santos Marques

**Tópicos abordados:**

- ✓ Histórico da mobilização no Brasil e no mundo;
- ✓ Conceito;
- ✓ Formas de ESCA;
- ✓ Fatores relacionados ao fenômeno;
- ✓ Atendimento.

- **Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes: a prática do Projeto Camará (4hs)**

**Professores:** João Carlos Garcia e Lumena Celi Teixeira

**Tópicos abordados:**

- ✓ Violência contra crianças e adolescentes;
- ✓ Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (ESCA);
- ✓ Prostituição;
- ✓ Tráfico de pessoas para fins de exploração sexual;
- ✓ Direitos sexuais como direitos humanos;
- ✓ O atendimento sócio-educativo visando ao enfrentamento da ESCA;
- ✓ Plano Nacional de Enfrentamento a Violência Sexual;
- ✓ Estratégias de intervenção;
- ✓ Educação social de rua;
- ✓ Acompanhamento psicossocial;
- ✓ O profissional;
- ✓ Participação ativa juvenil.



- **Aspectos Jurídicos da VDSCCA e o Sistema de Garantia de Direitos (8hs)**

**Professor:** Cláudio Hortêncio Costa

**Tópicos abordados:**

- ✓ Base legal: Constituição Federal Art. 227; Convenção da ONU; valor da dignidade humana; sujeitos de direitos;
- ✓ Estatuto da Criança e do Adolescente;
- ✓ Dimensões jurídicas: crime; teoria clássica;
- ✓ Maus tratos;
- ✓ Artigos do Código Penal;
- ✓ Artigos do ECA.

- **Políticas Públicas (4hs)**

**Professora:** Abigail Torres

**Tópicos abordados:**

- ✓ O que são Políticas Públicas;
- ✓ Como se concretiza uma política;
- ✓ Propriedades das Políticas Públicas;
- ✓ Características predominantes no modelo brasileiro;
- ✓ Modelo descentralizado;
- ✓ Financiamento de Políticas Sociais;
- ✓ Orçamento público no Brasil;
- ✓ Fundos específicos;
- ✓ Controle social;
- ✓ Desafios para efetivar direitos.

**“Também nos chamou a atenção o grau de envolvimento das pessoas de todos as instituições e organizações, o interesse na elaboração de projetos, pensando no grau de complexidade de uma cidade como São Paulo, com uma ampla rede de serviços onde é difícil interagir.”**

*José Carlos Bimbatte Júnior – Coordenador Técnico do Projeto Laços da Rede*

- **O Cuidado com o Profissional (4hs)**

**Professoras:** Jaqueline Soares Magalhães Maio e Margarete dos Santos Marques

**Tópicos abordados:**

- ✓ Reflexão sobre Cuidar;
- ✓ Sofrimento humano;
- ✓ Contato com a violência enquanto fonte de sofrimento;
- ✓ Realidade e desafios no enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes;
- ✓ Escutando o profissional;
- ✓ Cuidar e ser cuidado: possibilidades;
- ✓ Rede “cuidada”.

### Redes: encontros possíveis

Um aspecto a ser destacado nas oficinas vai além dos conteúdos apresentados pelos professores. Refere-se à possibilidade de encontro dos atores dessa vasta Rede do município de São Paulo, que foi criada a partir das oficinas.

Profissionais que trabalhavam com as mesmas famílias, mas nunca tinham se encontrado antes; profissionais que não conheciam o trabalho de outras instituições de sua região; profissionais que apenas trocavam relatórios ou telefonemas... Todos estes puderam encontrar-se no espaço do Projeto **Laços da Rede** e delinear novas parcerias, novas trocas, novos encontros na Rede.



## Oficinas de Projetos: compartilhando conhecimento, criando novas práticas

Seguindo a proposta de fomentar o trabalho em Rede no enfrentamento e prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes, durante os encontros do Projeto Laços da Rede, foram realizadas três oficinas para a elaboração de projetos pelos participantes, a partir do conteúdo e da experiência vivida ao longo das demais oficinas.

Considerando a realidade do município de São Paulo, onde encontramos várias Redes, espalhadas pelas diversas regiões da cidade, cada uma com suas especificidades e demandas, as turmas foram divididas por regiões: Norte, Sul, Leste, Oeste e Centro. Formaram-se 16 grupos, uma vez que algumas regiões originaram dois ou três grupos, dado o número de participantes, que refletia, em certa medida, as dimensões de cada região.

Para o início dos trabalhos, a equipe de consultores da Childhood Brasil, que coordenou as oficinas, sob orientação de Rose Miyahara, discutiu com os participantes concepções de prevenção, e apresentou um roteiro com os itens que os projetos deveriam contemplar: objetivo, justificativa, metodologia, recursos materiais e humanos necessários e cronograma.

A idéia era que os grupos pudessem pensar em ações que tivessem de fato a possibilidade de serem concretizadas em suas regiões de atuação, fosse na comunidade ou na instituição onde atuavam os profissionais. Assim, a orientação foi de que pensassem em ações que exigissem recursos com os quais já contavam nas instituições em que trabalhavam, e que não demandassem uma disponibilidade maior do que eles poderiam ter para realização das mesmas.

Após o encerramento das oficinas, os grupos foram orientados a dar continuidade aos projetos e ações propostas, com acompanhamento remoto e presencial da equipe da Childhood Brasil. Para esse acompanhamento, foram realizadas 2 reuniões com representantes dos grupos e os consultores da Childhood Brasil.

Nos primeiros meses de 2009, algumas das ações previstas nos projetos foram concretizadas, em palestras à comunidade e Redes locais, debates sobre o fluxo da Rede na região central, entre outras. Essas ações ampliam o alcance do Projeto **Laços da Rede**, favorecendo a disseminação de conhecimentos sobre a temática da violência sexual contra crianças e adolescentes e temas relacionados. Além disso, algumas atividades realizadas aproximam-se da comunidade em geral, não apenas dos profissionais que atuam na rede, corroborando para a sensibilização da população quanto à necessidade de prevenção e enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes.

**“Atuo junto aos agentes comunitários e o instrumental proporcionado pelo Laços da Rede vai me ajudar a multiplicar esses conhecimentos. Posso levar mais informações e me sinto mais segura.”**

*Janaína de Amorim Leal Mori – Terapeuta ocupacional da UBS de Boracéia*

## Comunicando e Disseminando Informação: Site e Boletim eletrônico **Laços da Rede**

O Projeto **Laços da Rede** contou com uma estratégia de comunicação eletrônica que viabilizou o fácil acesso dos participantes da capacitação aos conteúdos apresentados pelos palestrantes, além da divulgação das ações e de notícias relacionadas à temática do enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes.

Foram produzidos e encaminhados 10 Boletins eletrônicos no período de execução da segunda etapa do Projeto. Além disso, o site [www.wcf.org.br/lacosdarede](http://www.wcf.org.br/lacosdarede) recebeu 19 mil visitas, que geraram 75 mil páginas exibidas, indicando a amplitude do alcance das informações sobre o projeto e sobre o tema. A internet mostrou-se ferramenta importante e eficaz na articulação e mobilização da Rede para o enfrentamento das situações de violência sexual contra crianças e adolescentes.



## Apresentação dos Projetos e Novas Reflexões: O Seminário do Projeto Laços da Rede

No dia 31 de março de 2009, no auditório “Queirós Filho”, do Ministério Público do Estado de São Paulo, aconteceu o Seminário do Projeto **Laços da Rede**: “*Conquistas e Desafios na Prevenção à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes*”.

O seminário, que durou todo o dia, foi um evento de fechamento dessa segunda etapa do Projeto Laços da Rede, com o objetivo de reunir seus participantes novamente, apresentar os projetos que estes desenvolveram a partir das oficinas, e propiciar mais um momento de contato com especialistas, onde o debate e a reflexão estivessem mais uma vez presentes.

Com auditório lotado – cerca de 300 pessoas presentes – os participantes do Projeto **Laços da Rede**, juntamente com outros profissionais da Rede e com educadores que participaram do Projeto **Redes de Proteção na Educação**<sup>3</sup>, puderam ouvir as falas dos Professores Maria Cristina Vicentim, Paulo Cesar Endo e Yara Sayão.

As falas trouxeram novas reflexões sobre a violência sexual e a questão de gênero, Rede, e sexualidade. A participação foi intensa, com rico debate, e avaliação positiva do evento como um todo.

Os projetos dos participantes ficaram expostos no hall de entrada do auditório, em banners confeccionados especialmente para esta ocasião. Nos intervalos e antes das mesas de debate, os presentes puderam circular nesse espaço, conhecer as propostas de outros grupos e conversar sobre as ações que já estavam acontecendo. Um novo encontro da Rede.

---

<sup>3</sup> O Projeto **Redes de Proteção na Educação**, também desenvolvido pela Childhood Brasil, capacitou cerca de 500 educadores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, durante o segundo semestre do ano de 2008. Os participantes deste Projeto também desenvolveram projetos de multiplicação e prevenção, que foram apresentados juntamente com os do Projeto **Laços da Rede**, no seminário.

**“O que mais me chamou atenção nas aulas que coordenei no Laços da Rede foi o interesse do grupo pelo tema da sexualidade – atento aos conteúdos propostos, disposto para as atividades, curioso nas articulações com a prática, fluente na integração com suas áreas de atuação.”**

*Maria Aparecida Barbirato – Professora do Projeto Laços da Rede*

## 4. Avaliando as ações

As ações do Projeto **Laços da Rede** foram avaliadas, como em sua primeira fase, desde o início, por uma consultora dedicada exclusivamente a esta tarefa no Projeto.

As estratégias de avaliação utilizadas foram:

- ✓ **Avaliação das aulas presenciais** – preenchimento individual de instrumental avaliativo em cada aula proferida;
- ✓ **Avaliação dos projetos de intervenção** – a elaboração dos projetos também permitiu avaliar conteúdos trabalhados em aula.
- ✓ **Avaliação pós-curso** – aplicação de instrumental para captar a compreensão de alguns conteúdos trabalhados durante o curso.
- ✓ **Avaliação dos textos/sinopses** – material didático produzido, pelos/as consultores/as, utilizado durante as aulas presenciais e disponibilizado no site.

Em reuniões periódicas com a equipe executora do projeto, as estratégias e os resultados da avaliação foram discutidos, para que o processo pudesse ser re-pensado a partir destes resultados.

Apresentamos, a seguir, alguns dos resultados desse processo de avaliação<sup>4</sup>.

### Sobre as aulas...

Quanto ao conteúdo das aulas o saldo é bem positivo: mais da metade dos participantes (60,4%) considera suas expectativas *atendidas*; 22,9% tiveram suas expectativas *superadas*; 14,2% disseram que as expectativas foram *atendidas com restrições* e, apenas 1,9% ficou *insatisfeito*.

Quanto à didática dos/as professores/as ou palestrantes a avaliação positiva se divide em dois blocos: aqueles que consideraram *boa* (48,9%) e aqueles que consideraram *ótima* (42,1%). Poucos disseram que foi *regular* (8,3%) e raríssimos foram aqueles que consideraram *ruim* (0,5%).

Os participantes do curso foram também estimulados a emitirem suas sensações assinalando qualquer um das seguintes categorias: *satisfeito*; *quero mais*; *preocupado*; *com dúvida*, *insatisfeito*. Neste quesito observa-se que 60,0% dos/as participantes sentiram-se *satisfeitos*; 23,5% *querendo mais* e os demais saíram das aulas *preocupados* (9,1%), *com dúvidas* (3,9%) e *insatisfeitos* (2,1%).

<sup>4</sup> Os dados aqui apresentados foram retirados do relatório final de avaliação do Projeto Laços da Rede, elaborado por Rosângela Freitas.

## Sobre os projetos...

Foram elaborados 16 projetos (conforme Quadro abaixo) cuja formatação e estrutura seguiu padrão acadêmico (título, justificativa, objetivo geral, específicos, metas, público alvo, metodologia, recursos materiais e humanos, cronograma) com temáticas sobre o combate à violência sexual e doméstica contra criança e adolescente.

### Projetos de Multiplicação e Prevenção

Num.	Nome do Projeto	Turma	Grupo	Região	Público alvo
1	Ciranda do Cuidar	I	Grupo Centro	Central	Agentes públicos
2	Conhecendo o outro	I	Teares da Rede	Leste	Profissionais que atendem situações de violência
3	Rede em Alerta	I	Rede em Alerta	Leste 3	Coordenadores e técnicos dos Serviços Sócio-Assistenciais; Conselheiros Tutelares
4	Abuso Sexual - Prevenção	I	G. Norte	Norte	Funcionários e famílias do Centro da Criança e do Adolescente (CCA) Peri - SAS/CV
5	Cuidar do cuidador	I	Apoio Sul	Sul	Profissionais – CRECA M’Boi Mirim
6	Mapeando equipamentos	I	G2 Sul	Sul	Conselho Tutelar de Vila Mariana
7	Tecendo redes de Paz	I	G3 Sul	Sul	Pais / responsáveis de alunos e educadores da CEI Angela Maria Fernandes e Prof. Saúde PSF - V. Clara
8	Escola em Alerta	I	Oeste	Oeste	Professores, funcionários e pais de alunos da unidade escolar envolvida
9	Flora	I	Leste II	Leste II	Gestores dos Serviços de Atendimento à Criança e Adolescente
10	Notificação – Discutindo Fluxo	II	Con-Centro Ação	Central	Gestores dos serviços que são portas de entrada das notificações de VCCA
11	Marcas do Silêncio	II	Rompendo o silêncio	Leste	Educadores do Abrigo da Obra Social Dom Bosco
12	VSCCA – O que fazer	II	Mandacaru	Leste 2	Profissionais da rede de atendimento a Criança e ao Adolescente
13	Atirei o pau no Gato	II	Oeste	Oeste	Profissionais dos Abrigos
14	Carnaval contra a violência	II	Norte	Norte	Adolescentes e jovens na faixa etária de 12 a 21 anos atendidos pelas Instituições parceiras
15	Educação com limites e afeto	II	Construindo saberes	Sul	Adolescentes em conflito com a lei e suas famílias
16	Conduta Legal	II	ABC	ABC	Funcionários das empresas de transporte da região do ABC

“Eu trouxe alegria e levo alegria.”

Os objetivos gerais indicam ações no plano da sensibilização de diversos agentes, para o fenômeno social da VSDCCA, como forma de prevenção da ocorrência de fatos violentos e, de proteção de crianças e adolescentes.

Observando os objetivos e o público alvo privilegiado em todos os projetos, nota-se que o foco de atenção dos projetos são os adultos que direta ou indiretamente estão envolvidos com crianças e adolescentes, exceto um grupo que tem como público alvo adolescente e jovem.

Sem negar a importância de se multiplicar para outros profissionais os conteúdos trabalhados neste curso de formação, parece-nos relevante observar que para os/as participantes a prevenção e a proteção passa primeiro pelos adultos e depois pela formação de crianças e adolescentes. Ao colocar em segundo ou terceiro planos a formação de crianças e adolescentes, privilegiando a formação de adultos, subjuga-se o protagonismo infanto-juvenil, reforçando a idéia de que o adulto é o centro dos problemas e das soluções e, as crianças e os adolescentes são vítimas das circunstâncias.



## Sobre a visão dos participantes ao término do curso...

No questionário respondido ao término do processo de capacitação, os participantes emitiram opinião sobre as estratégias mais relevantes no combate à violência sexual contra criança e adolescente. As sugestões são múltiplas combinações de estratégias.

A prevenção como estratégia genérica, sem detalhamentos, foi citada 22 vezes pelos participantes, porém as estratégias coletivas de combate à violência foram as mais citadas, são elas:

- ✓ Ações em rede, entre os serviços e em fóruns específicos;
- ✓ Dar visibilidade ao fenômeno por meio de informação e divulgação;
- ✓ Promover ações diretas nas comunidades/escolas;
- ✓ Promover ações diretas nas famílias;
- ✓ Adequar as políticas públicas para serem eficientes;
- ✓ Disponibilizar mais e melhores serviços de atendimento às vítimas/agressores;
- ✓ Estimular conteúdos da “cultura da paz” como pano de fundo dos serviços e ações dos profissionais;
- ✓ Reduzir as desigualdades sociais.

Muito relevantes foram as estratégias sugeridas para cuidar do cuidador e profissionais afetados pelo atendimento deste fenômeno e, neste caso, as sugestões são: capacitar, treinar, promover encontros/ workshops/ debates para os profissionais. Em menor escala, aparecem as sugestões de ação direta com criança e adolescente e o estímulo ao protagonismo infanto-juvenil.

*“Bem, para mim falar que o curso mudou os meus conceitos não é o termo correto e sim que ampliou e indicou que a nossa maneira de atuar pode ser mudada. Aprendemos, também, com a experiência dos colegas que participaram da capacitação. Mostrou que é preciso estar sempre atualizado e que nunca se pode ficar parado. Cursos como esse do Laços desse nível são necessários. O conselheiro tutelar precisa de mais formação nessa área da violência contra a criança e o adolescente para cobrar políticas públicas, cobrar da Câmara orçamento para essa finalidade. E, nesse sentido, o curso foi perfeito.”*

*José Ferreira dos Santos – Conselheiro tutelar - José Bonifácio-Itaquera*

## 5. Finalizando

Com o encerramento das ações do Projeto **Laços da Rede** no município de São Paulo, após dois anos de atuação, que reuniram cerca de 400 profissionais nas capacitações e resultaram em 16 projetos de multiplicação/prevenção, renova-se uma premissa essencial: *apenas por meio de ações em Rede é possível enfrentar a violência sexual contra crianças e adolescentes*. Ações isoladas, sem interação com as diversas áreas envolvidas – saúde, assistência e desenvolvimento social, justiça, educação... – não alcançam a demanda que cada situação de violência contra crianças e adolescentes apresenta.

O grupo de profissionais que participou das capacitações enriqueceu cada discussão com suas experiências, questionamentos e proposições, evidenciando o interesse e a preocupação com o tema proposto. Ficaram evidentes, além da necessidade de aprofundamento das discussões acerca da temática da violência sexual contra crianças e adolescentes e dos temas que são transversais a estes – sexualidade, família, infância e adolescência... – a importância de espaços onde a chamada Rede se encontre e possa, de fato, pensar e propor ações em rede.

Retomando a fala da Profª. Dra. Maria Cristina Vicentin, palestrante no seminário de apresentação de resultados do projeto, no Projeto **Laços da Rede** os profissionais se reconheceram como Rede, falaram quanto pessoas que fazem rede, que produzem rede. Uma Rede “quente”, que, segundo Vicentin, se apresenta homogênea na tarefa, sendo heterogênea na forma de ser, uma rede de diferenças, com um foco comum.

O desafio que se delineia é manter esta Rede aquecida, proporcionando continuidade das discussões e encontros que aconteceram nos últimos dois anos, dos projetos pensados por estas redes produzidas em meio à complexidade de uma cidade como São Paulo, e para o enfrentamento de problemática complexa como a violência sexual contra crianças e adolescentes.



**"A capacitação nos proporcionou na possibilidade de melhorar a qualidade desse atendimento, com mais esclarecimento e ainda o conhecimento das pessoas que participam da rede. Também foi importante para podermos articular melhor a rede."**

*Maria José de Carvalho Pedagoga – Conselho Tutelar*

## 6. Referências bibliográficas

- AZEVEDO, M. A. GUERRA, V. N. *Infância e Violência Doméstica: fronteiras do conhecimento*, 1989.
- FALEIROS, E. *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes*. Brasília, 2000. Disponível em: [http://www.wcf.org.br/lacosdarede/files/Biblioteca/repensando\\_os\\_conceitos.pdf](http://www.wcf.org.br/lacosdarede/files/Biblioteca/repensando_os_conceitos.pdf). Acessado em 20 de março de 2009.
- HIPPOLITO, R. SANTOS, B. R. dos. *Guia de Referência: construindo uma cultura escolar de prevenção à violência sexual*. São Paulo: Childhood Brasil – Instituto WCF-Brasil: Prefeitura da Cidade de São Paulo. Secretaria da Educação, 2009.